



5.14. Literatura juvenil e temas fraturantes: o caso de *Para Maiores de Dezasseis*, de Ana Saldanha⁷⁰

Ana Margarida Ramos
(Universidade de Aveiro)

José António Gomes
(ESE-Instituto Politécnico de Porto)

Sara Reis da Silva
(Universidade do Minho)

Resumo: Autora destacada no panorama literário português destinado à infância e à juventude, Ana Saldanha publicou, em 2009, o romance juvenil *Para Maiores de Dezasseis*, uma obra que perspetiva, de forma desassomburada, as relações juvenis e os problemas de crescimento e de afirmação individual. Centrado na relação de uma jovem de 15 anos com um homem mais velho, que a seduz, o romance permite, igualmente, refletir sobre as relações familiares e os afetos, as crises existenciais e geracionais, construindo uma imagem polifacetada do universo juvenil contemporâneo.

70. Alfragide: Editorial Caminho, 2009.

Palavras-chave: Ana Saldanha, efebofilia, literatura juvenil, sexualidade, temas fraturantes.

Abstract: Important contemporary Portuguese writer, Ana Saldanha published, in 2009, a novel in which the problems of youth growth are depicted, also the troubles of relationships and the difficulties of self affirmation. Centered on the relationship of a 15 year old girl with an older man who seduces her, the novel also depicts family relationships, generational problems and existential crises, creating a unique picture of the contemporary youth universe.

Keywords: Ana Saldanha, ephebophilia, rupturing themes, sexuality, youth literature.

Com uma obra iniciada em meados da década de 90, Ana Saldanha é, neste momento, uma autora de referência no panorama literário português, sobretudo no domínio da literatura juvenil, com especial incidência no conto e na novela realista, intimista, de aventuras e de viagens. É, nestes âmbitos, autora de algumas coleções de particular interesse, como “Vamos Viajar” ou “Era Uma Vez... Outra Vez”. Nesta última, procede a um trabalho original e singular de reescrita e recriação de histórias da tradição oral, em particular os contos maravilhosos, submetendo-os a uma atualização e modernização que os aproximam da realidade e do contexto dos leitores. Da sua produção literária, que inclui conto e também algumas parcerias frutuosas no domínio do álbum narrativo, com ilustradores premiados como Gémeo Luís ou Yara Kono, destacam-se, sobretudo, as novelas e os romances pela forma desassombada como percorrem universos temáticos contemporâneos, alguns especialmente fraturantes e controversos, como acontece com a sexualidade ou os desequilíbrios nas dinâmicas familiares e nos processos de crescimento e amadurecimento dos jovens.

O seu registo, acessível e coloquial, deixa espaço à reflexão e abstém-se do discurso moralizador, interrogando os leitores, sem deixar

de ser, simultaneamente, ligeiro e profundo, sério e divertido. A escrita da autora tem conhecido assinalável evolução, como as obras mais recentes *Para Maiores de Dezasseis* (2009) ou *Todo-o-Terreno e Outros Contos* (2010) ilustram. Este último é uma coletânea de sete narrativas breves, onde temas atuais, alguns polémicos, como a questão da pedofilia (dois contos tematizam duas tentativas de abuso sexual de adolescentes, respetivamente um rapaz e uma rapariga) ou do alcoolismo e suas consequências, mas também das dinâmicas familiares mais ou menos desestruturadas, são a linha coesiva da publicação. A contemporaneidade e, até, a pós-modernidade encontram aqui uma voz narrativa poderosa, da qual estão ausentes moralismos, julgamentos ou tomadas de posição explícitas. O cariz aberto dos finais e a opção por uma estrutura narrativa episódica, às vezes fragmentária, também os afasta de conclusões definitivas.

As narrativas de Ana Saldanha, ao contarem uma história, um episódio ou um conjunto mais ou menos vago de situações que se sucedem a um ritmo veloz, valem pela força das imagens, e por exigirem ao leitor um esforço de dedução considerável, tecendo a intriga a partir de vários fios diferentes. A crítica implícita à falência da família, sobretudo aos pais (incapazes de proteger e de amar, porque também parecem perdidos à procura de si mesmos) motiva reflexão e chega a ser perturbante. Em outros casos, a inocência infantil é recriada com um lirismo inabitual na prosa.

Quanto ao volume em estudo, que analisaremos de forma mais detalhada, tematiza uma série de comportamentos sexuais desviantes numa narrativa densa que cruza vários tempos, discursos e perspectivas. Protagonizada por uma adolescente que procura a sua identidade (física e emocional) em resultado de processos conturbados de crescimento e de dinâmicas familiares complexas, a narrativa apresenta a protagonista Dulce como uma presa fácil de um efebófilo, dando conta das estratégias predatórias a que recorre. Ao mesmo tempo, são problematizadas inúmeras questões candentes, ligadas às vivências e rotinas das famílias contemporâneas, das relações entre gerações, dos grupos, propondo aos leitores uma viagem a um uni-

verso juvenil marcado pela inquietação que resulta de processos de construção de identidade nem sempre lineares ou coerentes.

Os elementos paratextuais, como a ilustração ou o título, fornecem indicações sobre o leitor previsto. O título aponta, simultaneamente, para um leitor específico (ou para um grupo etário), sugerindo uma temática não aconselhável a menores de 16, ao mesmo tempo que cria expectativas ligadas ao segredo e a realidades proibidas. Tem, além disso, implicações interpretativas várias, tanto em termos literais como simbólicos. A ilustração da capa e o grafismo usado indiciam elementos ligados ao universo juvenil, com especial ênfase no feminino. A imagem, capturando o rosto de uma rapariga, sugere o seu protagonismo, ao mesmo tempo que constrói uma imagem de rebeldia e de espontaneidade, resultante da impressão de movimento que caracteriza a imagem. A contracapa inclui um pequeno excerto que, de alguma forma, esclarece o título e introduz a temática da relação sexual, em particular da perda da virgindade.

Em termos estruturais, o romance, com pouco mais de 200 páginas, está organizado em 12 capítulos numerados e titulados, introduzidos por epígrafes alógrafas. Particularmente expressivos e variados, sobretudo no que diz respeito às fontes utilizadas, que incluem textos literários, a Bíblia, excertos de sítios na Internet, obras de referência, entre outros, estes paratextos estabelecem relações curiosas com os capítulos que introduzem, imprimindo uma espécie de tom que, depois, é retomado por um tema, um motivo ou um local, por exemplo. Revelam, ainda, uma subtil dimensão humorística que resulta da relação surpreendente que celebram com o texto que encabeçam, mais metafórica ou mais referencial, funcionando sempre como aperitivo para a leitura.

Do ponto de vista interno, o romance, mesmo se dominado por uma estrutura linear, foge ao paradigma mais tradicional, com a abertura *in medias res* e num momento de plena ação, obrigando os leitores a um exercício contínuo de preenchimento de espaços em branco e da leitura de implícitos e realização de inferências. É o que acontece com, por exemplo, as relações entre as personagens (graus

de parentesco e laços de proximidade), ou com o estabelecimento de elos entre os acontecimentos e a ordem cronológica das ações narradas. Assim, a narrativa inicia-se com a investigação policial relativa ao desaparecimento de Dulce, seguindo-se uma longa analepse que narra os acontecimentos que a antecederam. Esta narrativa é, por sua vez, cruzada com outras ações pontuais, ligadas ao passado das personagens, nomeadamente à sua infância, explicando os seus antecedentes e ajudando o leitor a contextualizar determinados comportamentos. É, por exemplo, o que acontece em relação à infância de Dulce, ao seu problema de obesidade, ao casamento fracassado dos seus pais e ao comportamento afetivamente instável do pai.

Podemos, assim, identificar um eixo narrativo central do romance, dominado pela relação entre Dulce e Eddie, temporal e espacialmente localizado durante um fim de semana em Vila Nova de Senfins, na casa de férias dos pais de Titó, à volta do qual giram pequenas narrativas-satélite, contextualizando a principal, como acontece com as personagens principais, de índole familiar, escolar, afetivo, social, etc. São, igualmente, incluídas narrativas mais breves sobre personagens secundárias, que se cruzam com as principais, ajudando a criar um determinado ambiente sociocultural, como acontece com Diana ou Dionísia, por exemplo.

A variedade de temas tratados é, por isso, significativa, uma vez que se procuram recriar, com evidente realismo, distintos universos familiares, dando conta da variedade das dinâmicas existentes, mais ou menos tradicionais, mais ou menos estruturadas e equilibradas. O universo feminino, marcado pela complexidade, é outra das linhas ideotemáticas centrais. É através de, pelo menos, duas gerações de mulheres que o mundo é percecionado, dando conta, por um lado, dos sonhos e das frustrações de uma geração (a das mães das adolescentes protagonistas), e, por outro lado, das suas conseqüências em relação às filhas. Estas, em processo de crescimento e afirmação individual e social, partilham muitos dos dilemas dos adolescentes, nomeadamente os que dizem respeito às relações interpessoais, in-

cluindo as sociais, familiares, afetivas e sexuais. Esta é, aliás, uma questão estruturante do ponto de vista da intriga romanesca, como o paratexto da contracapa indicia. A existência de uma relação pouco convencional entre Dulce e Eddie permite problematizar a possibilidade da existência de abuso sexual de menores, aproximando a relação entre ambos da predação sexual e da efebofilia como, aliás, o epílogo, sob a forma de notícia de jornal, esclarece.

Aliás, esta mudança de registo final, para um tom mais impessoal, aparentemente exterior às personagens, e mais objetivo, é significativo da avaliação da relação existente, sobretudo aos olhos da lei. Ainda que não tome explicitamente qualquer partido, e reconheça, implicitamente, que Dulce criou condições que a colocaram em risco, a verdade é que a relação que se estabeleceu entre ambos nunca foi pautada pelo equilíbrio e a equidade, mesmo tendo havido consentimento por parte de Dulce e, até, em alguns momentos, uma certa iniciativa. A mentira sobre a sua verdadeira idade e a sua experiência também reforçam a ideia de que não está totalmente isenta de culpa. Dulce é, de alguma forma, vítima da combinação de um conjunto de circunstâncias adversas que não lhe permitem proteger-se devidamente, deixando-a exposta e vulnerável, sobretudo em termos afetivos, às investidas de Eddie. Um processo de crescimento difícil, no seio de um casamento e de uma família em processo de desagregação criam-lhe inseguranças e carências, além de uma necessidade constante de aprovação externa. A obesidade infantil, decorrente da carência afetiva, da falta de atenção dos pais, explica a sua baixa autoestima, mesmo depois de esse problema estar, pelo menos, fisicamente, resolvido. Afetivamente negligenciada, Dulce busca à sua volta, no círculo de amigos mais ou menos próximo, a aceitação e a atenção que lhe faltam, o que a torna num alvo fácil para Eddie, mais experiente e controlador. Sob a aparente segurança e à-vontade, esconde-se, afinal, uma adolescente insegura, desprotegida e carente. A atenção que recebe de Eddie, mesmo se pouco verdadeira, funciona como uma forma de compensar inseguranças e carências e é suficiente para a atrair para um abismo cujas proporções desconhece.

A decisão de acompanhar Eddie a Espanha, a total dependência que rapidamente desenvolve em relação a ele, não conseguindo sequer estar sozinha, revelam as suas fragilidades emocionais e afetivas. É, pois, em torno de Dulce que se desenrola toda a ação, sendo, inclusive, o vértice central de uma série de triângulos que estruturam a ação. Veja-se, assim, como é alvo, simultaneamente do desejo de Eddie e de Raul, ainda que os dois tenham, em relação a ela, objetivos completamente distintos.

Titó, por seu turno, e apesar da fragilidade física, lembre-se que sofre de paraplexia em consequência de um acidente automóvel originado pelo alcoolismo da mãe, revela-se a mais equilibrada das adolescentes, apesar dos problemas familiares que a rodeiam. A depressão crónica da mãe e o comportamento leviano do pai, que comete adultério com uma amiga da família, não abalam a sua personalidade forte e vincada, o seu espírito prático e refletido, capaz de resistir às condicionantes familiares que a envolvem. Já Diana, superprotegida pela família, revela dificuldade em lidar com a realidade, preferindo a valorização das aparências e a construção de uma autoimagem pouco realista. O seu universo familiar é, igualmente, marcado por tensões entre os pais que, neste caso, a personagem aproveita em seu favor. Mimada e pouco inteligente, construída narrativamente como uma caricatura do culto da aparência e da valorização do aspeto, a personagem destaca-se, sobretudo, pelo seu comportamento linear, previsível e tipificado, um modelo de comportamento facilmente reconhecido pelos leitores.

A construção das figuras femininas adultas é igualmente reveladora de desequilíbrios e problemas. Laura, por exemplo, vive deprimida em resultado da frustração de ter trocado uma carreira profissional por uma vida centrada na família. O abuso do álcool, que dá origem ao acidente de automóvel e à condição de deficiente da filha, é uma espécie de peso invisível que paira no universo familiar e que, lentamente, vai degradando as relações e laços afetivos. Dionísia, por seu turno, apresenta um comportamento inverso, valorizando a sua carreira e, de alguma forma, negligenciando a estabilidade familiar

e o próprio filho, Raul, que, apesar de tudo, cresce de forma independente e relativamente equilibrada. Frustradas as suas aspirações pessoais, que procura compensar com relações inconsequentes, assume um comportamento individualista e aut centrado. Já Regina, à semelhança da filha, é mais uma personagem-tipo, uma vez que revela poucos traços de comportamento e personalidade individualizantes. Completamente entregue à família, a quem dedica todo o seu tempo e atenção, perde individualidade, personalidade e autonomia, revelando-se particularmente frágil na relação desequilibrada que estabelece com o marido e com a filha.

É, pois, em torno destes universos que se desenvolve a intriga principal e as secundárias, através da aproximação e cruzamento, num espaço e tempo limitados, de todas as personagens referidas. Um fim de semana na casa de férias de Senfins dos pais de Titó vai potenciar todo um conjunto de acontecimentos que, de algum modo, já estavam em marcha, atingindo, agora o seu auge.

Ao nível do tratamento do tempo do discurso, veja-se como são construídas e introduzidas na narrativa principal analepses sucessivas para momentos distintos do passado das personagens, ora mais longínquo, como acontece com a infância de Dulce, o casamento e o divórcio dos pais, o encontro de Laura e Dionísia e as suas memórias de juventude, ora mais recente, como a aproximação de Eddie através da rede social *Facebook* ou episódios escolares comuns a Titó e Dulce. A construção da narrativa, abrindo com o “interrogatório” policial a Titó sobre o desaparecimento da amiga, obriga igualmente a uma manipulação temporal, de modo a reconstituir, em jeito de narrativa policial ou detetivesca, os antecedentes do caso, estabelecendo o percurso da “vítima” e identificando o seu paradeiro (chegada, dia anterior, noite, concerto, partida...). Será exatamente este esforço de memória e de reconstituição dos acontecimentos que dá corpo ao enredo e, de alguma forma, prende a atenção dos leitores ao mistério que abre o romance.

O espaço, à semelhança do tempo, é igualmente relevante para o desenrolar da ação. O facto de ser limitado e concentrado, obrigan-

do a uma grande proximidade entre as várias personagens, parece potenciar as tensões, de diferente tipo, existentes entre elas e a sua evolução rápida. A casa de Senfins e os seus arredores, incluindo o jardim exterior e a casa do lagar, mas também a própria vila, o centro e a estação de Caminho de Ferro, onde se desenrolam alguns episódios têm um simbolismo particular, ligados à aparente tranquilidade do universo rural, sob a qual se escondem muitos problemas e fissuras. Em resultado da fuga de Dulce na companhia de Eddie, a ação passa para Santiago de Compostela, simbolizando, simultaneamente, a evasão, mas também o isolamento da protagonista, sublinhando a sua extrema fragilidade e dependência. Ao longo do romance, sobretudo das narrativas analéticas, são evocados outros espaços, como acontece com o Porto, onde as personagens principais vivem, o Algarve ou Seattle, interferindo, de alguma forma, no percurso das personagens.

O romance relido, como é habitual em Ana Saldanha, surpreende pela forma como a voz narrativa, que varia ao longo da diegese, se abstém de julgamentos morais, deixando em aberto a avaliação do comportamento das personagens e a atribuição de culpas. O final do livro, incluindo a notícia do “rpto” de Dulce e os comentários de Regina, Reinaldo e Diana, é esclarecedor quanto a esse apagamento moralizador. Serão os leitores, de acordo com a sua experiência, conhecimento do mundo e enciclopédia pessoal a, face aos dados apresentados, realizarem o julgamento da situação.

Outra marca distintiva da autora prende-se com a forma aparentemente simples e descomplexada como tematiza universos fraturantes e inquietantes, como é o caso da sexualidade na adolescência e da efebofilia. O mesmo acontece em relação à disfunção familiar e afetiva, sobretudo aquela que se esconde por trás de uma aparente e tranquilizadora normalidade, até porque a atenção narrativa recai sobre a revisitação de um universo social privilegiado. Mesmo aí, é possível descobrir, mais ou menos encobertos, muitos traumas e problemas, resultantes de relações humanas complexas e conturbadas, como o romance evidencia, pondo a nu a negligência e a carência afetivas,

o desequilíbrio psicológico, a imaturidade dos adultos, entre outros aspetos. A fatia da sociedade que o romance recorta e recria, apesar do verniz brilhante que aparentemente a cobre, revela-se, afinal, cheia de fissuras e imperfeições, algumas delas com consequências gravíssimas para a integridade física e psicológica de adolescentes em processo de crescimento, construção de identidade e afirmação individual.

Destaque-se, finalmente, outra característica da escrita da autora, ligada à criação de curiosas redes de diálogos intertextuais entre os seus textos, constituindo uma espécie de macro-texto original. Para além da alusão, mais ou menos explícita à obra *Lolita* (1955), de Vladimir Nabokov, intertexto fundador para a recriação literária de universos ligados à sedução e relação entre uma figura masculina adulta e uma adolescente, ainda que narrativamente distante dessa esfera referencial, são muitas as relações aqui estabelecidas com outras obras, novelas e contos, da autora, de onde recupera personagens, temas ou simples motivos ou dando-lhes continuidade narrativa. Assim, dois contos da coletânea *Todo-o-terreno e outros contos* (2010) desenvolvem sugestões narrativas deste romance. Em “No canto da sala”, são narrados os antecedentes que conduziram ao acidente de Titó, na altura com 9 anos, causado pela embriaguez da mãe que decide, contrariando tudo e todos, transportá-la ao hospital. Funcionando como uma espécie de conto analéptico em relação ao romance, estabelece com ele relações de evidente proximidade, recuperando todo um conjunto de referências narrativas e temáticas que não passarão ao lado dos leitores mais fiéis e atentos. No mesmo volume, um outro conto, intitulado “Deixa-me rir”, esclarece a relação de Dulce com o pai após o divórcio, colocando-a em interação com uma das suas muitas namoradas. Também analepticamente, esta narrativa tem mais valor simbólico do que estrutural, ilustrando o comportamento do pai. Diana, por seu lado, tinha sido a protagonista de um volume da coleção “Era uma vez... Outra vez”, *A Princesa e o Sapo* (2004), enquanto Raul e Sara são recuperados do conto “Trampolim”, da coletânea *Pico no Dedo* (2004). O estabeleci-

mento de relações entre obras distintas, em jeito de prolongamento ou recuperação de personagens e dos respetivos percursos narrativos, e o próprio espaço dos textos, unindo obras de diferentes géneros e coleções e surpreendo os leitores, subitamente confrontados com universos reconhecíveis.

Finalmente, destaque-se outro elemento que tem ajudado fortemente ao reconhecimento da autora junto dos leitores e que tem a ver com a linguagem e o estilo selecionados. Fortemente comunicativo, o registo, sem fazer cedências ao nível da qualidade, situa-se num nível próximo do universo de referências dos leitores, que se identificam com o universo ficcional. Acrescente-se a opção pela inclusão de diálogos vivos e ágeis, próximos do registo oral, prendendo a atenção. A combinação de uma manipulação original do tempo da história pelo tempo do discurso, com a introdução de alterações profundas na ordem cronológica, com a opção por aberturas originais dos textos, colocando o leitor em plena ação, sem prévia preparação, “obrigando-o” a descobrir as ligações lógicas existentes entre as personagens e as cenas, numa estratégia narrativa da qual estão ausentes as descrições e/ou contextualizações introdutórias ou mesmo o *incipit* tradicional, criam uma escrita desafiadora e instigante, obrigando à constituição de um pacto de leitura inicial forte, capaz de superar as dificuldades em termos de interpretação.